

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JORNAL DE PERUIBE

CLASS. : 1500

DATA : 02/05/89

PG. : CAPA
5

COMO VAI A VIDA DOS NOSSOS ÍNDIOS

O índio Kirinrindiu - silencioso em tupi-guarani, conhecido como João Gomes ou João Índio, é um dos cerca de 100 índios que habitam Peruipe, em uma reserva do Funai lá no Bananal. Ele fala das precárias condições de vida e da falta de perspectivas de desenvolvimento de sua comunidade, que a exemplo das demais tribos brasileiras enfrentam problemas de toda ordem. Uma das críticas que João Índio faz, é de que os programas desenvolvidos para os índios ensinaram-os a utilizar todas as coisas que são usadas pelos não-índios, mas não os ensinaram como adquirir esses bens. Confinados em uma área de cerca de 200 alqueires suas perspectivas de progresso são pequenas. Saiba por que na página 5.



POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JORNAL DE PERUIBE

CLASS. : 1683/Unid

DATA : 02/05/89

PG. : 5

NOSSOS ÍNDIOS, SEM ESPERANÇA

Há quase 500 anos, perto de dois mil índios deixaram suas terras no Alto Grosso e vieram em busca do litoral. Pouco mais de 200 chegaram até o litoral de Iguape e foram se espalhando pela nossa região, habitando as proximidades das praias até a chegada dos portugueses, quando tentaram procurar se estabelecer mais para o interior.

A aldeia do Bananal (local assim chamado pelos índios em razão das bananeiras nativas que existiam na região), existe há mais de 150 anos e essa área, com exceção da estrada, das casas que foram construídas, da sede da Funai, da eletrecidade, da pequena escola e da enfermaria, permanece quase idêntica ao tempo em que os índios tupi-guaranis ali se instalaram.

Das mais de 100 famílias que já habitaram o lugar, restam hoje apenas 39, com um total aproximado de 100 índios entre adultos e crianças, pois um número muito grande deles migrou para aldeias em outras regiões ou mudaram-se para a cidade em razão de melhores condições de vida.

Kirinrindiu, ou João Índio, hoje com 53 anos, é casado com Terezinha Djoroia, descendente de uma tribo Pataxó, da Bahia, tem nove filhos. Ao lado de seus nomes indígenas, aparece o nome em português e a tradução do nome índio entre parênteses: Djipoka - Ubirajara (Que se torce); Keretxu - Jacirema (Animal sagrado); Dikuaa - Ubiraci (Apareceu); Iraguá - Ubiraci (Mel); Wevidju - Guaraci (Ágil); Bareté - Ubiratan (Forte); Nhamboá - Jaciara (Que ensina); Uiramui - Paraguaçu (Grande Rio); Rembiré - Jacira (Último). A tradução literal do nome de sua esposa é Alegre.

Para ele, não basta só a Funai mandar sementes para o plantio, mas sim que se dê toda uma orientação técnica para o índio, pois do contrário eles plantam em épocas erradas, nos lugares inconvenientes para determinados tipos de cultura ou em distâncias equivocadas, prejudican-

do toda a lavoura, que não dá resultados e traz o desânimo para os índios. Ele diz que o desenvolvimento social dos índios tiraria do governo um peso, pois dessa forma eles teriam condições de sobreviver sem a ajuda governamental.

João Índio reclama melhores condições de transporte e das tarifas (hoje fixadas em NCz\$ 1,00), o que impede um melhor aproveitamento escolar por parte das crianças que tem de frequentar o 2º grau na cidade - ele alega que as crianças são obrigadas a sair de casa pouco depois das 10 horas, muitas vezes sem almoço, para retornar somente depois das 20 horas, em função dos horários dos ônibus. O fator do preço da tarifa, também impede o trabalho na zona urbana, uma vez que se consumiriam mais de NCz\$ 50,00 por mês só com o transporte.

Outra reclamação é contra os baixos preços conseguidos pela produção agrícola: alguma coisa em torno de 20% dos valores comercializados no varejo. A solução poderia vir com a facilidade de escoação dessa produção e a comercialização direta nos centros consumidores.

A subsistência dessas famílias vem basicamente do artesanato, da colheita de bananas, palmito, alguma pesca e lavouras de mandioca e milho.

Nas eleições de 15 de novembro, João Índio candidatou-se a uma vaga à Câmara Municipal de Peruipe e foi derrotado. Apesar desse envolvimento com a política, ele se diz descrente dos atuais políticos brasileiros, citando como exemplo as muitas promessas feitas nas reuniões realizadas com índios em todo o Brasil - muitas das quais assistidas por ele, onde são feitas muitas promessas, nunca cumpridas. Ele coloca a situação dos índios no mesmo nível da situação das classes menos favorecidas da população, que vivem em constante expectativa de melhores condições de vida.

Uma das reivindicações dos in-

dios é a instalação de uma escola do Mobral para a alfabetização dos adultos, o que viria facilitar o relacionamento dos índios com os brancos. Existe também uma preocupação com a cultura indígena que aos poucos vai morrendo, até no que diz respeito ao idioma, sendo importante que se faça alguma coisa para resgatar o idioma e as tradições, de forma que essas tradições não se restrinjam a comemorações do tipo "Dia do Índio" e outras.

A demarcação definitiva das terras da reserva é outra preocupação demonstrada por João Índio, já que é grande o número de crianças que estão crescendo e futuramente vão precisar de espaço para suas famílias. Como a maior parte da área da reserva é da Serra do Mar, isso impede seu desmatamento e em função disso a área aproveitável é pequena, principalmente pelo tipo de terreno - a maior parte são de morros ou charcos, que ficam alagados com as chuvas fortes.

A amargura de João Índio, que certamente pode ser extensiva aos demais membros de sua comunidade fica patente nesse desabafo: "Os índios deviam ter um pouco mais de consideração. Tudo isso que aí está foi tirado do Índio. É certo que ele, índio, não sabia de nada, mas não merecíamos isso. Hoje quem carrega os índios nas costas é a Funai, mas não deveria ser assim. O índio deveria ser uma preocupação de todos, se dar uma orientação melhor mesmo para nossos irmãos que vivem na Amazônia, e até por esse motivo tem uma vida melhor pois ainda vivem na selva, no seu ambiente, tendo uma sobrevivência mais autêntica. Nosso povo, desde o descobrimento do Brasil não progrediu, até regrediu, não conseguiu desenvolver as qualidades de sua raça e adquiriu os vícios dos brancos. Até quando vamos poder viver nessa terra, onde nossos antepassados nasceram? Quando vamos ter um pouco de dignidade para viver, e conforto para oferecer para nossas famílias?"

EM BAURÚ, UM PROJETO QUE DEU CERTO

Depois da conversa com João Índio, fomos procurar o Chefe do Posto da Funai na reserva do Bananal, César Gonçalves Luhn, para ouvir a versão do órgão federal sobre a problemática dos índios.

Infelizmente o mesmo se encontrava em Rio Branco, no Acre, atendendo rotina de serviço, mas ali encontramos Tibúrcio Manoel Sobrinho, de nome indígena Talihu, e que em sua língua significa Líder.

Tibúrcio pertence a uma tribo Terena, estabelecida em Baurú, onde vivem hoje perto de 500 índios (já foram mais de mil), que além de plantar mandioca, milho, arroz e feijão para sua subsistência ainda possuem criações de galinhas e porcos, e mantêm 600 reses em sua reserva, resultado da criação de 300



Kirinrindiu e Talihu: perspectivas diferentes para o futuro

cabeças doadas pela LBA há algum tempo. Além disso, produzem 3 toneladas por mês de casulo (bicho de seda), que são comercializadas com in-

dústrias da região.

Esse projeto foi desenvolvido por Tibúrcio, que além de já ter sido cacique da tribo, também é ferroviário aposentado - foi maquinista de trem, lembrando que até 1982 o trabalho básico da sua comunidade era servir de bóia fria e depois desse projeto todos passaram a trabalhar em proveito próprio. Hoje todos tem uma qualidade de vida que pode ser considerada regular e dali já saíram bacharéis, militares e professores, todos desenvolvendo seus trabalhos nas respectivas áreas profissionais.

Para ele "o difícil é a união, mas vale a pena lutar por ela que o resultado é sempre bom". Talvez esta seja a chave para se resolver os problemas dos índios de Peruipe. União.